

1

A NARRATIVA COMO UM CAMINHO HERMENÊUTICO PARA UMA TEOLOGIA PENTECOSTAL DO ESPÍRITO SANTO

César Moisés Carvalho¹

RESUMO

O objeto deste artigo é a teologia narrativa e a importância dos seus pressupostos hermenêuticos para uma teologia pentecostal do Espírito Santo. Depois de um século de instalação no Brasil, os pentecostais precisam saldar seu déficit, produzindo uma teologia do Espírito Santo que valorize sua experiência, sem submeter-se a metodologias teológicas tradicionais, que muitas das vezes são até mesmo contrárias à sua experiência do Espírito.

Palavras-chave: Teologia narrativa; pentecostais; hermenêutica; Espírito Santo; método.

ABSTRACT

The objective of this article is the narrative theology and the importance of its hermeneutical presuppositions for a Pentecostal theology of the Holy Spirit. After a century of installation in Brazil, the Pentecostals need to pay off its debts, producing a theology of the Holy Spirit that values its experience, without submitting itself to traditional theological methodologies, which at many times are even contrary to the experience in the Spirit.

Key-words: Narrative theology; pentecostals; hermeneutics; Holy Spirit; methods.

¹ Pastor, pedagogo, professor universitário, pós-graduado em teologia pela PUC-Rio e chefe do Setor de Educação Cristã da CPAD.

INTRODUÇÃO

Tenho aprendido a não aproximar-me de literatura alguma com preconceitos, pois é um erro grave rotular pessoas e um pecado desacreditá-las por antecipação. Nesse quesito uma de minhas referências, nos círculos pentecostais, é o teólogo americano-canadense Gordon Fee. Ministro pertencente às Assembleias de Deus norteamericanas, surpreende verificar, por exemplo, o endosso de Fee na quarta capa da obra mais recente do teólogo James Dunn² que, para a maioria de nós, seria considerado alguém de quem é preciso manter distância. Também não é incomum ver a obra de Gordon Fee ser citada por muitos teólogos respeitados, sendo James Dunn um dos melhores exemplos.

Pior do que ter opinião formada a respeito de obras é opinar sobre elas sem ao menos tê-las lido. Há poucos dias examinei a obra *Teologia do Espírito Santo*, do teólogo protestante Frederick Dale Bruner. Lançada originalmente em 1970, a obra chegou ao Brasil pela primeira vez em 1983 (tendo sua segunda edição brasileira em 1986) através da Vida Nova e, após vinte seis anos, em 2012 a editora Cultura Cristã relançou-a com tradução do hebraísta pentecostal Gordon Chown. Trata-se de um trabalho exegético e teológico-sistemático que, em 432 páginas, passa em revista a doutrina pentecostal — sobretudo a de matrizes estadunidense e escandinava — propondo uma confrontação da experiência pentecostal em relação ao testemunho do Novo Testamento. Interessei-me pela obra ao ler a parte que a editora disponibiliza em sua página virtual. De forma responsável, o autor diz que procurou entender o “movimento pentecostal e sua experiência do Espírito”. Para isso, ele não se contentou em pesquisar a literatura sobre o assunto, mas lançou-se a campo e frequentou reuniões pentecostais e fez a si mesmo a pergunta: “Devo ter a experiência

² DUNN, J. D. G. *Jesus em nova perspectiva*. São Paulo: Paulus, 2013. 152p.

pentecostal?”.³ Diante de tantos estudos de cunho sociológico acerca do movimento pentecostal, o mérito maior dessa obra está no fato de ser uma análise teológica e exegética da forma de o pentecostalismo ler e interpretar as Escrituras, principalmente no que diz respeito a experiência pentecostal ou à chamada “doutrina da evidência”.

Tal tarefa, de acordo com o que disse Stanley Horton ao discutir sobre a importância do trabalho hermenêutico na defesa da “doutrina inicial”, precisava ser realizada pelos teólogos do próprio movimento. Na época Horton afirmou que o “Presbitério Executivo das Assembléias de Deus tem, de fato, solicitado que a Logion Press incentive alguém a escrever um livro que apresente uma melhor apologética da doutrina da evidência inicial. O Dr. Anthony Palma está agora trabalhando num livro assim”.⁴

Três anos depois dessa solicitação, a obra referida por Horton foi lançada e, outros três anos após seu lançamento nos Estados Unidos, a CPAD lançou-a também em nossa língua.⁵ É interessante notar que o livro de Bruner, objeto de análise desse texto, é mencionado em diversas ocasiões tanto por Anthony Palma, bem como por John Wyckoff em seu capítulo sobre “O Batismo no Espírito Santo” que integra a obra *Teologia Sistemática*, editada por Stanley Horton. Wyckoff, aliás, inicia com uma “reclamação” pertinente ao citar William Barclay e Carl F. H. Henry, ambos lamentando a inexistência de tratados teológicos acerca do Espírito Santo.⁶ Se pensar em um material assim escrito por pentecostais então, incrivelmente, a produção é praticamente zero. Esse é um débito que nós

³ BRUNER, F. D. *Teologia do Espírito Santo*. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2012. p. 08.

⁴ HORTON, S. M. *O avivamento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 1997. p.76-77.

⁵ PALMA, A. D. *O Batismo no Espírito Santo e com fogo*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 128p.

⁶ WYCKOFF, J. W. O batismo no Espírito Santo. In: HORTON, S. M. (Ed.). *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1997. p. 431.

pentecostais, depois de um século de instalação no Brasil, precisamos saldar, produzindo uma teologia do Espírito Santo.⁷

1 O PROBLEMA HERMENÊUTICO

Alister McGrath diz que em “certo sentido, a história da teologia cristã pode ser entendida como a história da interpretação bíblica”.⁸ Isso porque a produção teológica é resultado direto do exercício hermenêutico, logo, é preciso conhecer não apenas o método adotado como também os pressupostos que fundamentam tal método. No segundo capítulo da *Teologia Sistemática*, editada por Stanley Horton, os autores James Railey e Benny Aker, dissertando acerca da natureza e a função da exegese dizem, entre outras coisas, que o “gênero literário muito interessa ao pentecostal em virtude da teologia da evidência inicial, interpretação esta que depende parcialmente do gênero de Atos”.⁹ Eles explicam que enquanto os evangélicos “tratam Atos como mera história”, os “pentecostais, por outro lado, argumentam que Atos é de natureza teológica, muito semelhante ao Evangelho de Lucas, posto que Lucas haja escrito ambos os livros”.¹⁰ Railey e Aker argumentam que, apesar de haver diferenças entre o evangelho de Lucas e Atos, geralmente a “hermenêutica aplicada a Atos deve ser a mesma aplicada a Lucas, pois tratam-se de narrativas, nas duas obras”, sendo que, finalizam, o “evangelho é narrativa episódica; [enquanto] Atos, narrativa

⁷ Algumas das teologias sobre o Espírito Santo que existem hoje no Brasil são de autores católicos, luteranos, batistas e presbiterianos.

⁸ MCGRATH, A. *Fundamentos do diálogo entre ciência e religião*. São Paulo: Loyola, 2005. p. 15.

⁹ RAILEY, J. H. JR.; AKER, B. C. Fundamentos teológicos. In: HORTON, S. M. (Ed.). *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1997. p. 57.

¹⁰ RAILEY, J. H. JR.; AKER, B. C. Fundamentos teológicos. In: HORTON, 1997, p. 57-58.

sustentada”.¹¹ A conclusão a que ambos chegam é que pode-se usar “Atos como fonte originária de doutrina”.¹²

Apesar desse reconhecimento, em se tratando do nosso país, Paulo Romeiro afirma que “ainda não aconteceu na trajetória histórica do pentecostalismo a conciliação entre *hermenêutica* e *kerigma*. Boa parcela do movimento não se preocupa com a interpretação científica do texto bíblico e com as ferramentas necessárias à hermenêutica. Ao longo das décadas, o pentecostalismo brasileiro até mostrou certa ojeriza pela educação”.¹³ Não é por acaso que Frederick Dale Bruner inicia sua exposição explicando que nem “Atos nem Coríntios, e nem, quanto a isso, qualquer parte do Novo Testamento foi escrita tendo em vista uma questão específica do século 20 ou o pentecostalismo”.¹⁴ Não obstante, ao mesmo tempo em que ele defende que cada “documento [livro] foi dirigido a situações histórico-eclesialística distintivamente do século 1º”, pondera que, “de alguma maneira, os testemunhos no Novo Testamento precisam ser colocados num relacionamento com preocupações atuais — em nosso caso, num relacionamento com o pentecostalismo”.¹⁵ Tal questionamento se dá “porque o pentecostalismo entende e aplica as passagens do Novo Testamento de modo específico dando, assim, origem à pergunta: O pentecostalismo entende e aplica corretamente essas passagens?”.¹⁶

Evidentemente que a exiguidade de espaço não permite sequer pensar na análise exegética de uma única perícope dos vários textos bíblicos

¹¹ RAILEY, J. H. JR.; AKER, B. C. Fundamentos teológicos. In: HORTON, 1997, p. 660.

¹² RAILEY, J. H. JR.; AKER, B. C. Fundamentos teológicos. In: HORTON, 1997, p. 58.

¹³ ROMEIRO, Paulo. *Decepcionados com a graça*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005. p. 117.

¹⁴ BRUNER, 2012, p. 15.

¹⁵ BRUNER, 2012, p. 15-16.

¹⁶ BRUNER, 2012, p. 16.

lucanos ou paulinos acerca dos eventos que os pentecostais entendem como sendo ocorrências de “batismo no Espírito Santo”, e que foram mencionados e trabalhados por Bruner. Justamente por isso a discussão centrar-se-á unicamente na dimensão metodológica e, consequentemente, teológica de ambos. Antes de prosseguir é imprescindível reconhecer que uma das conquistas desse debate introduzido pela pneumatologia pentecostal no cristianismo, foi ter colocado o Espírito Santo como um novo *locus* na discussão teológica que foi dominada, durante séculos, pelos temas cristológicos e eclesiológicos.

Como o próprio Bruner afirma, o “pentecostalismo nos deu a oportunidade de ir até o próprio cerne — até o Espírito — do Novo Testamento”.¹⁷ Dessa forma, o que os limites desse texto permitem não é nada além de uma brevíssima e desprezível menção do método exegético utilizado por Bruner e também uma pequena apresentação do método sugerido por Palma que, segundo este, “tem afinidades com a aproximação pentecostal tradicional da compreensão do batismo no Espírito Santo com base no livro de Atos”.¹⁸

2 MÉTODO HISTÓRICO-CRÍTICO E EVENTO HISTÓRICO-REDENTOR

Sobre o trabalho exegético de Bruner é interessante dizer, sem distorção ou recorte arbitrário de seu texto, que o método utilizado por ele é o chamado “histórico-crítico”, conforme o autor deixa claro nas observações preliminares da segunda parte de sua obra.¹⁹ Tal

¹⁷ BRUNER, 2012, p. 140.

¹⁸ PALMA, 2002, p. 12.

¹⁹ BRUNER, 2012, p. 139. Para conhecer o método histórico-crítico leia a posição favorável de FITZMEYER, Joseph A. *A interpretação da escritura: em defesa do método histórico-crítico*. São Paulo: Paulus, 2011. 152p. E a posição contrária ao método de LINNEMANN, Eta. *Crítica histórica da Bíblia*. São Paulo: Cultura Cristã, 2009. 208p.

esclarecimento, inclusive, é uma das práticas que nós pentecostais precisamos adotar em nosso trabalho: informar ao leitor qual método utilizamos para chegar às conclusões de nossos estudos da Bíblia. Devido aos pressupostos do método histórico-crítico, o autor diz que sua questão com o texto bíblico não é verificar se “Lucas estava certo ou errado, perspicaz ou aberrante, exato ou imaginativo, mas sim: o pentecostalismo compreende Lucas de modo correto ou incorreto, interpreta-o de modo exato ou equivocado, aplica-o de maneira própria ou imprópria? Portanto, sentimo-nos obrigados, na maioria dos casos, a tomar o texto conforme ele se apresenta, com total seriedade e como tendo autoridade”.²⁰ A fim de que não haja dúvida acerca do pensamento do autor, ele esclarece em nota que a própria utilização do “nome ‘Lucas’ é meramente tradicional e conveniente; o relacionamento entre o autor de Lucas-Atos e o médico que era companheiro de Paulo não é discutido aqui”. Na mesma nota, Bruner ainda acrescenta que as “referências a ditos de Jesus, Pedro, Paulo e outros em Atos não pretendem negar o trabalho criativo de Lucas: mais uma vez, o artifício da referência tradicional visa ao interesse da simplicidade”.²¹

Da parte de Anthony D. Palma, e do pentecostalismo, os pressupostos são igualmente claros. Os teólogos pentecostais não desconhecem, por exemplo, que o material de Lucas e Atos sejam não apenas teológicos, mas também históricos. Palma diz que Lucas “usa a História como um meio para apresentar sua teologia”.²² Todavia, no item oito (dos treze apresentados por ele nas questões introdutórias sobre as

²⁰ BRUNER, 2012, p. 139.

²¹ BRUNER, 2013, p.385. Para se entender um pouco mais sobre os chamados “ditos” — frases não pronunciadas originalmente, mas colocadas pelo autor na boca do personagem — de Jesus, leia GRECH, P. O problema cristológico e a hermenêutica. *In*: COLLINS, Gerald O’; LATOURELLE, René (Orgs.). Problemas e perspectivas da teologia fundamental. São Paulo: Loyola, 1993. p. 117-142.

²² PALMA, 2002, p.11.

considerações hermenêuticas), mesmo reconhecendo o valor do método utilizado por Bruner, Palma diz que “dentro da estrutura do método histórico-crítico de interpretar as Escrituras, a disciplina chamada crítica redacional ganhou larga aceitação em anos recentes. Sua premissa básica é de que o escritor bíblico é um editor, e que seus escritos refletem sua teologia. Ele pode examinar o material que tem em mãos e adequá-lo de modo a apresentar sua agenda teológica pré-determinada. Basicamente, a crítica redacional é uma ótica legítima e necessária. Mas em sua forma mais radical, permite que o autor modifique e distorça fatos, mesmo para criar e apresentar uma história como factual, com o objetivo de promover suas propostas teológicas”.²³

Palma diz então que essa “forma radical de crítica redacional é inaceitável para aqueles que têm uma visão elevada da inspiração bíblica”.²⁴ Para reiterar, mesmo reconhecendo que, “por natureza a escrita da História é seletiva e subjetiva, sendo influenciada pelo ponto de vista e pelas predileções do escritor”, Palma diz que ainda que também seja assim com o livro de Atos, é preciso fazer “a ressalva de que a historiografia de Lucas, em última análise, não é a sua própria, e sim do Espírito Santo”.²⁵

A respeito da importância do método histórico-crítico, os já citados teólogos pentecostais Railey e Aker, partilham da mesma opinião de Anthony Palma. Eles dizem que tanto os “conservadores [quanto] os liberais igualmente trabalham” com a crítica bíblica e utilizam ora a crítica histórica, ora a crítica textual, “posto serem necessárias na exegese”.²⁶ O acréscimo mais relevante desses dois autores na presente discussão,

²³ PALMA, 2002, p. 11.

²⁴ PALMA, 2002, p.12.

²⁵ PALMA, 2002, p. 12.

²⁶ RAILEY, J. H. JR.; AKER, B. C. Fundamentos teológicos. *In*: HORTON, 1997, p. 58.

sobretudo no aspecto das pressuposições do intérprete e do teólogo, não é reafirmar a posição conservadora da “inspiração verbal e plenária”, mas o fato de o próprio pentecostal que afirma ter a Bíblia como sua referência última, às vezes, não compreender que a lógica religiosa do texto não pode ser submetida à lógica racionalista moderna: “O que estamos sugerindo aqui pertence à epistemologia — modos de conhecer e perceber a realidade. Infelizmente os ocidentais, tanto os conservadores quanto os liberais, sustentam uma epistemologia primariamente racional, inadequada para os pentecostais”.²⁷ Tal é assim pelo simples fato de que, o “mundo da Bíblia não é aquele do racionalista, pois aquele reconhece o sobrenatural e as experiências sobrenaturais outorgadas por Deus”.²⁸ Gordon Fee denuncia a *hybris* do racionalismo iluminista dizendo que “muitos evangélicos que se mostraram indignados com o racionalismo de Bultmann que com tanta indiferença rejeitava as afirmações de Paulo acerca das obras do Espírito, adotaram o mesmo racionalismo para explicar a ausência de tais fenômenos em seus círculos: limitando assim essa classe de atividade do Espírito à era dos apóstolos”.²⁹

Nesse particular, é extremamente oportuna a observação de Antonio Magalhães ao afirmar que as questões fundamentais da fé, na práxis pentecostal, “não podem ser entendidas somente sob a perspectiva da teologia como formulação racionalizante e um tipo de sistematização que vigorou no pensamento teológico ocidental”.³⁰ Para o mesmo autor, “dizer, por exemplo, que o pentecostalismo não tem teologia, significa supor que só há uma forma de fomento de pensamento teológico, baseado

²⁷ RAILEY, J. H. JR.; AKER, B. C. Fundamentos teológicos. In: HORTON, 1997, p. 663.

²⁸ RAILEY, J. H. JR.; AKER, B. C. Fundamentos teológicos. In: HORTON, 1997, p. 663.

²⁹ FEE, Gordon D. Pablo, *el Espíritu y el pueblo de Dios*. Miami: Vida, 2007. p. 177.

³⁰ MAGALHÃES, Antonio. *Uma igreja com teologia*. São Paulo: Editorial, 2006. p. 58.

numa compreensão de teologia ‘... como formulação conceptual e sistemática da doutrina. Isso exige um alto grau de institucionalização, expresso pela existência de teólogos adequadamente capacitados e de centros académicos que facilitem o desenvolvimento teológico.’ Esta contraposição, aliás, entre teologia considerada normativa e a experiência religiosa das pessoas aponta para a forte suspeita que muitas vezes podemos estar apenas reproduzindo o conflito entre o chamado laicato e a instituição eclesiástica e, por vezes, académica, preocupada em defender seus mecanismos e interesses”.³¹

À objeção do método histórico-crítico que afirma ingenuamente ser possível saber até mesmo a “intenção autoral”, Palma responde que ainda que se reconheça que o propósito de Atos seja apenas histórico, isto é, consista em “registrar a propagação do Evangelho por todo o mundo romano [e] não ensinar o batismo no Espírito”, é inevitável não questionar: “Ainda assim, como pode a propagação do Evangelho ser compreendida sem se levar em conta o ímpeto que está por trás dela - o poder do Espírito Santo?”.³² Na realidade, falando especificamente do evento de Atos 2.1-4, é perfeitamente claro que “foi um evento único, histórico, sem repetição”.³³ Todavia, tal “vinda do Espírito foi profetizada especialmente por Joel (2.28,29) e foi ratificada na ascensão de Jesus (At 2.33)”. Em outras palavras, foi “um evento histórico-redentor. O termo ‘histórico-redentor’ (ou histórico-salvífico) é a forma adjetiva de ‘história salvífica’, um importante conceito da teologia bíblica. Ela enfatiza a atividade de Deus na História e através dela, com o objetivo de atingir seus propósitos redentores para a raça humana”.³⁴

³¹ MAGALHÃES, 2006, p. 58-59.

³² PALMA, 2002, p. 13.

³³ PALMA, 2002, p. 28.

³⁴ PALMA, 2002, p. 28.

3 UM MÉTODO PROGRESSISTA COM PRESSUPOSTOS CONSERVADORES

Uma vez que é inegável a realidade do fenômeno glossolálico³⁵ e os efeitos decorrentes deste na contemporaneidade cristã, Palma fala então da teologia narrativa³⁶, “uma abordagem relativamente recente para os hermeneutas” que, entre os seus aspectos, possui um chamado “analogia narrativa”. Segundo ele, devido à valorização da história pela teologia narrativa, tal “‘analogia’ tem afinidades com a aproximação pentecostal tradicional da compreensão do batismo no Espírito com base no livro de Atos”.³⁷ Apesar de reconhecer que “o método indutivo é um meio legítimo de tentar alcançar uma conclusão sobre o assunto” e que tal “metodologia foi aplicada desde os dias iniciais do movimento pentecostal para demonstrar que, com base nos registros de Atos, as línguas de fato acompanharão o enchimento inicial de alguém com o Espírito”, o autor ressalta que os pentecostais “precisamos utilizar qualquer aproximação metodológica legítima que venha ratificar a nossa compreensão quanto a assuntos relacionados à atividade do Espírito Santo nas Escrituras”.³⁸ Para ele, “isso incluiria uma aproximação panbíblica, [...] e a utilização de disciplinas como teologia narrativa e crítica redacional, corretamente aplicadas. Afinal”, completa o autor, “Lucas se especializou em narrativa como um meio de estabelecer verdades teológicas e, além disso, é cuidadoso

³⁵ Esse reconhecimento acontece até mesmo por parte de não pentecostais, cf. BRUNER, 2012, p. 405. DUNN, J. *A teologia do apóstolo Paulo*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2008. p. 472-503; 624-644. HURTADO, L. *Senhor Jesus Cristo*. Santo André: Academia Cristã/Paulus, 2012. p. 520-523.

³⁶ Para explicações acerca da teologia narrativa leia GRENZ, S. J.; MILLER, E. L. *Teologias contemporâneas*. São Paulo: Vida Nova, 2011. p. 225-243. Uma importante advertência contra alguns postulados da referida teologia é apresentada por DANIEL, S. *A sedução das novas teologias*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 75-93.

³⁷ PALMA, 2002, p.12.

³⁸ PALMA, 2002, p. 56.

ao utilizar fontes que irão efetivamente retratar o que ele, sob a liderança do Espírito deseja enfatizar”.³⁹

Apesar das várias críticas pertinentes feitas por Bruner, acerca dos equívocos teológicos dos pentecostais do início do século passado a respeito do batismo no Espírito Santo e de Palma ter respondido os principais desses equívocos. Palma, considerando-os devidamente (a diferença entre separabilidade teológica e subsequência temporal, por exemplo), soa como algo extremamente arrogante a assertiva de Bruner quando afirma que o “pentecostalismo quer ser levado a sério como movimento cristão. Está na hora de avaliá-lo”.⁴⁰ É preciso entender que para o pentecostal, a “narrativa do derramamento do Espírito no dia de Pentecostes é paradigmática”, tornando-se assim “o modelo, ou paradigma, para derramamentos posteriores do Espírito”. Tal está sendo cada vez mais dessa forma pelo simples e inegável fato de que, ao lado da “aproximação indutiva, que enxerga o padrão de glossolalia nos batismos no Espírito, está a contribuição de uma aproximação contemporânea à interpretação, algumas vezes, chamada de narrativa teológica”. Citando o teólogo Donald A. Johns, para quem “uma técnica mundial e comum de contar história é dizer coisas em grupos de três e que ‘três vezes deveria ser o suficiente para dizer qualquer coisa’”. Anthony Palma conclui com o referido autor que o “efeito paradigmático dessas histórias deveriam nos levar a esperar as mesmas coisas em nossa própria experiência com o Espírito”.⁴¹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por tudo isso, acredito que essa metodologia ainda deverá ser pensada em nosso contexto brasileiro, pois o fenômeno glossolálico (e

³⁹ PALMA, 2002, p. 56.

⁴⁰ BRUNER, 2012, p. 19.

⁴¹ PALMA, 2002, p. 78.

seus congêneres), em muitas ocasiões, só pode ser constatado não sendo possível explicá-lo. Experiências são únicas e diversas e, como reconhece Palma, as “Escrituras não dão uma fórmula”⁴² para o recebimento do batismo no Espírito Santo. Justamente por isso, é preciso ter muito cuidado, pois tão e ainda mais nocivo do que não refletir sobre o Espírito Santo, é elaborar uma teologia equivocada dEle. O primeiro cisma da Igreja por causa da questão do Filioque ainda no século XI deveria já ter nos ensinado que, a despeito de nossas teologias, o “vento assopra onde quer” (Jo 3.8).

⁴² PALMA, 2002, p. 94.

REFERÊNCIAS

- BRUNER, F. D. *Teologia do Espírito Santo*. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.
- DUNN, J. *A teologia do apóstolo Paulo*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- _____. *Jesus em nova perspectiva*. São Paulo: Paulus, 2013.
- FEE, Gordon D. Pablo, *el Espíritu y el pueblo de Dios*. Miami: Vida, 2007.
- FITZMEYR, Joseph A. *A interpretação da escritura: em defesa do método histórico-crítico*. São Paulo: Paulus, 2011
- GRECH, P. O problema cristológico e a hermenêutica. In: COLLINS, Gerald O'; LATOURELLE, René (Orgs.). Problemas e perspectivas da teologia fundamental. São Paulo: Loyola, 1993.
- GRENZ, S. J.; MILLER, E. L. *Teologias contemporâneas*. São Paulo: Vida Nova, 2011.
- HORTON, S. M. *O avivamento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.
- HURTADO, L. *Senhor Jesus Cristo*. Santo André: Academia Cristã/ Paulus, 2012
- LINNEMANN, Eta. *Crítica histórica da Bíblia*. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.
- MAGALHÃES, Antonio. *Uma igreja com teologia*. São Paulo: Editorial, 2006.
- MCGRATH, A. *Fundamentos do diálogo entre ciência e religião*. São Paulo: Loyola, 2005.
- PALMA, A. D. *O Batismo no Espírito Santo e com fogo*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.
- RAILEY, J. H. JR.; AKER, B. C. Fundamentos teológicos. In: HORTON, S. M. (Ed.). *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.
- ROMEIRO, Paulo. *Decepcionados com a graça*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.